

## Hinos dos Upanishads

A coleção de 1028 hinos religiosos arianos denominados **Rig Veda**, escritos em sânscrito – sendo *Rig* a estança ou estrofe – e *Veda* o conhecimento ou saber (logo, cântico poético do saber) – contém, em sua parte final, ou **Ved’anta**, outros textos conhecidos pelo nome particular de **Upanishads**. Trata-se de um acrônimo e também paráfrase, já que a denominação se forma de **Upa**, próximo, **Ni**, em baixo, e **Shad**, o estar sentado. Em outras palavras, *estar sentado junto ou próximo do mestre*, do guru, para dele receber suas lições. O que significa ouvir e reter conhecimentos de ordem metafísica, aqueles relativos aos princípios e aos fins últimos do homem e do universo por ele habitado.

Os Upanishads foram escritos por diversos autores em prosa (os mais antigos, que fazem parte da “revelação” (*shruti*), e, também, em verso, provenientes de épocas mais recentes e conhecidos como *mantropanishad* (Upanishad expresso em *mantra* ou forma de oração). No total, são considerados canônicos e tradicionais 108. Muitos outros (cerca de 80) se relacionam a cultos restritos (Shiva, Vishnu, Ganesha, por exemplo) tendo sido produzidos tardiamente.

Conforme nos alerta Frederic Tomlin (*The Great Philosophers of the East*, Arrow Books, 1959, capítulo O Hinduísmo), um dos Upanishads canônicos, o *Shvetasvatara* afirma que “os mais altos mistérios do Vedanta... não devem ser revelados àqueles cujas paixões não foram dominadas, nem a alguém que não seja um filho ou discípulo”. Aqui, portanto, cometemos, voluntariamente, uma indiscrição, uma inconfidência, talvez até mesmo um pecado, pois não preenchemos nenhum dos requisitos estipulados.

Os textos originais aqui utilizados estão escritos em *devanágari* (escritura urbana dos deuses), utilizada pelo sânscrito, o hindi e outras línguas da região, com transliteração para caracteres latinos.

## Isha Upanishad

Aum.<sup>1</sup> Tudo o que é mutável no mundo, tudo isso está envolto pelo Senhor. Pela renúncia a tudo isso, ajuda-te. Não ambiciones a riqueza de outrem. (I)

Certamente, fazendo-se as obras, deve-se desejar viver cem anos aqui. Para um homem como tu, não há outro meio senão este, pelo qual a ação não se prende ao próprio homem. (II)

Esses mundos asúricos<sup>2</sup> estão envoltos por trevas cegas. Aqueles que matam o Si<sup>3</sup> para ali vão depois de partirem. (III)

O Tat<sup>4</sup> (Isso que aí Está ou É) permanece sem movimento, uno e mais rápido do que o pensamento; os deuses<sup>5</sup> não podem alcançá-lo em sua marcha avante. Permanecendo estável, ele se distancia de todos os outros que correm. Tat estando lá, Matarisva<sup>6</sup> suporta todas as ações. (IV)

Tat se move, Tat não se move; Tat está longe, Tat está perto. Está dentro de tudo. Tat também está no exterior de tudo. (V)

---

<sup>1</sup> Aum ou Om, sílaba sagrada e mantra do hinduísmo, utilizada para a contemplação das realidades últimas, metafísicas. É também conhecida como *pranava mantra* (canto vibratório primordial), um som primário a partir do qual o universo estruturou-se.

<sup>2</sup> Demoníacos, da palavra *asurya*.

<sup>3</sup> A consciência de si. Ou seja, os que não se interessam pela vida espiritual, pelo conhecimento de si e do mundo.

<sup>4</sup> Isso (pronomes pessoais neutros), às vezes traduzido por *Brahman*, a Causa Divina, ou a potência acima e por detrás de todas as coisas, e que, por isso mesmo, é incognoscível.

<sup>5</sup> Os sentidos, que são os deuses imediatos dos seres humanos.

<sup>6</sup> Energia cósmica.

Aquele que vê todos os seres no próprio Atman e o Atman<sup>7</sup> em todos os seres não se ressentir de qualquer ódio por isso. (VI)

Quando, para aquele que sabe, todos os seres se tornaram o próprio Atman, então que ilusão ou dor por ter aquele que vê a unidade? (VII)

Tat é onipresente, puro, sem corpo, sem nervos, sem feridas, sem mácula, intocado pela falta, onisciente, dirigente do mental, transcendente e existente por si. Atribuiu os deveres para os Prajatis.<sup>8</sup> (VIII)

Aqueles que rendem culto à avidya,<sup>9</sup> penetram em trevas que cegam. Em maiores trevas ainda entram aqueles que se comprometem com a vidya.<sup>10</sup> (IX)

Eles dizem que pela vidya um resultado é diferente e que pela avidya o resultado (obtido) é diferente. Assim ouvimos dos sábios que nos explicaram. (X)

Aquele que conhece ao mesmo tempo a vidya e a avidya, tendo conquistado a morte pela avidya, alcança a imortalidade pela vidya. (XI)

Aqueles que se consagram ao não-devir penetram em trevas que cegam. Em trevas maiores penetram os que se dedicam ao devir (*hiranyagarbha*). (XII)

Eles dizem que um resultado diferente é obtido pelo culto do devir, e um resultado diferente é dado pelo culto do não-devir. Assim ouvimos dos sábios que nos explicaram. (XIII)

Aquele que conhece ao mesmo tempo o não-devir (*prakriti*) e a destruição (devir) alcança a imortalidade pelo não-devir, conquistando a morte pela destruição. (XIV)

---

<sup>7</sup> Atman ou o Si interior, alma, a consciência de si mesmo e do mundo.

<sup>8</sup> Os anos eternos.

<sup>9</sup> Ignorância, mero ritual.

<sup>10</sup> Conhecimento e meditação sobre os deuses.

A entrada da Verdade está coberta por um tabuleiro de ouro. Ó Sol, retira-o para que eu a veja, eu que sou por natureza verídico. (XV)

Ó altor, viajante solitário, controlador, filho de Prajapati,<sup>11</sup> retira teus raios, recolhe tua luz. Vejo esta forma que é tua, a mais benigna. Eu sou esse purusha<sup>12</sup> que aqui está. (XVI)

Que minha energia vital alcance agora o Ar eterno. Que este corpo seja reduzido a cinzas. Aum. Mental, lembra-te do que foi feito, lembra-te do que foi feito. (XVII)

Ó Agni, conhecendo todas as nossas ações, conduz-nos pelo bom caminho ao gozo dos frutos de nossas ações; retira-nos todas as faltas desonestas. Nós te oferecemos muitas saudações. (XVIII)

Aum. Tat, incondicionado, é infinito, Tat, condicionado, é infinito. Tomando o infinito do infinito, permanece como o único infinito incondicionado. O infinito incondicionado permanece o mesmo, ainda que o infinito condicionado tenha dele surgido. (XIX)

## **Armtabindupanishad**

O Mental<sup>13</sup> se diz, principalmente, de duas maneiras: puro e impuro. O mental impuro é o que está possuído de desejos, e o puro, o que está desprovido de desejos. (I)

Na verdade, o mental é a causa da servidão e da liberação<sup>14</sup> dos homens. O mental apegado aos objetos dos sentidos conduz à

---

<sup>11</sup> Senhor de todas as coisas viventes.

<sup>12</sup> Esta pessoa.

<sup>13</sup> O ato de pensar, a ação do espírito, incluindo as paixões e a razão, esta aqui no sentido filosófico ocidental.

<sup>14</sup> *Nirvisayam*

servidão, e aquele que está destacado dos objetos dos sentidos conduz à liberação. Assim é a *smrti*. (II)

Como a liberação, para o mental, é desprovida de desejo pelos objetos do sentido, o mental deve estar sempre livre de tal desejo para aquele que procura a liberação. (III)

Quando o apego do mental pelos objetos dos sentidos estiver aniquilado e plenamente sob o controle do coração, e assim realizar sua própria essência, então se alcançará o Estado Supremo. (IV)

Deve-se controlá-lo até que ele se una ao coração. Isso é o Conhecimento, e também a Meditação (*Dhyana*). Todo o resto é argumentação e verborragia. (V)

O Tat não é concebível nem inconcebível. Ele é, ao mesmo tempo, concebível e inconcebível. Livre de toda parcialidade, esse *Brahman*<sup>15</sup> é alcançável. (VI)

Deve-se praticar a ioga sobre Om, inicialmente por meio de suas letras; depois, meditar sobre o Om, sem suas letras. Finalmente, a ideia do não-ser é alcançável como ser. (Alcança-se o Ser, não o Não-Ser). (VII)

Somente o Tat é Brahman, sem partes, sem dúvidas, sem nuances ou tonalidades. Ao se realizar em “Eu sou esse Brahman”, converte-se nesse Brahman imutável.<sup>16</sup> (VIII)

Sem dúvida, infinito, para além da razão e da analogia, para além de todas as provas e sem causa, aquele que Conhece, o sábio, torna-se livre. (XIX)

A mais alta verdade é: não há nem controle do mental nem jogo do mental; não estou atado nem sou um adorador ou aquele que procura a liberação, nem um ser que tenha alcançado a liberação. (X)

---

<sup>15</sup> Como já mencionado anteriormente, sinônimo de Tat, de Causa Suprema.

<sup>16</sup> *Brahma sampadyate dhruvam*.

Na verdade, o atman deve ser conhecido como sendo o mesmo em seus estados de vigília, de sonho e de sono profundo. Para aquele que transcendeu os três estados, não há mais renascimento. (XI)

Sendo Una, a alma universal está presente em todos os seres. Ainda que única, ela é vista como várias, como a lua na água. (XII)

Assim como a jarra que, quando é levantada, muda de lugar, mas não o espaço<sup>17</sup> ali contido, da mesma forma a alma individual<sup>18</sup> se parece com o espaço.<sup>19</sup> (XIII)

Quando as formas diversas, como a da jarra, se quebram ainda e mais uma vez, ele não sabe que elas quebraram, mas Ele sabe perfeitamente. (XIV)

Estando coberto por Maya,<sup>20</sup> que é um simples som, através da obscuridade Ele não conhece o espaço. Quando a Ignorância se rasga, sendo então Ele-Próprio, Ele vê a unidade. (XV)

A palavra imperecível é o Supremo Brahman. Quando ela se dissipa, o imperecível permanece. Que o sábio medite sobre o imperecível se ele deseja a paz de sua alma. (XVI)

Duas ciências devem ser conhecidas: a Palavra-Verbo Brahman e o Supremo Brahman. Aquele que mergulhou profundamente no verbo Brahman alcança o Brahman Supremo. (XVII)

Aquele que deseja obter o conhecimento, após ter estudado os tratados do conhecimento interior e do conhecimento exterior, os abandona inteiramente, da mesma maneira que o homem que procura obter o grão abandona a palha. (XVIII)

---

<sup>17</sup> *Akasha*.

<sup>18</sup> *Jiva*.

<sup>19</sup> O ser individual tende a permanecer idêntico a si mesmo, mesmo em lugares e sob condições diferentes.

<sup>20</sup> Maya é frequentemente traduzido como "ilusão", no sentido de "pura aparência". A mente e a vida humanas constroem uma experiência subjetiva, afirma a escola Vedanta, o que leva ao perigo de interpretar Maya como a única e última realidade.

As vacas de cores diversas dão leite da mesma cor. Deve-se olhar Jnana<sup>21</sup> como o leite, e os diferentes tratados como as vacas. (XIX)

Como a manteiga escondida no leite, a inteligência permanece em cada ser. Ela deve ser constantemente agitada pelo bastão de mexer, e que é o mental. (XX)

Tomando-se a corda do conhecimento, dele deve-se extrair, como a um fogo, o supremo Brahman. Eu sou esse Brahman invisível, imutável e calmo, assim se pensa. (XXI)

Aquele em que todos os seres residem e Que reside em todos os seres pela virtude de seu Ser que dissemina a graça, Este Vasudeva<sup>22</sup> eu sou, Este Vasudeva eu sou. (XXII)

## **Sarvopaniśhad**

Om. O que é o atilho?<sup>23</sup> O que é a liberação? O que é a Ignorância? O que é o Conhecimento? Quais são os estados de vigília, de sonho, de sono profundo e de Turya?<sup>24</sup>

O que são annamaya, pranomaya, manomaya, vijñanamaya e Anandamayakoshas?<sup>25</sup> O que são o Karta (o agente), o jiva,<sup>26</sup> o conhecedor de campo, a Testemunha, o Kutastha,<sup>27</sup> o Antaryamin?<sup>28</sup> O que é o atman interno, o que é o Paramatman, e o Atman Maya?

---

<sup>21</sup> O conhecimento adquirido pelo estudo e a meditação e que conduz à suprema realidade, Brahman.

<sup>22</sup> Pai dos deuses Krishna, Balarama e Sudhabra. Krishna é, por vezes, invocado pelo patronímico Vasudeva.

<sup>23</sup> A escravidão.

<sup>24</sup> Um quarto estado de consciência. Ele seria subjacente e penetraria nos três outros estados conhecidos.

<sup>25</sup> Aquilo que envolve a nutrição, o vital, o mental, o intelectual e a beatitude.

<sup>26</sup> Vida ou individualidade do ser vivente.

<sup>27</sup> O que se mantém no mais alto.

<sup>28</sup> Guia ou governante do interior.

O senhor do atman vê o corpo e as coisas de mesma natureza como coisas diversas do atman. Esse egoísmo é a escravidão do atman. Sua interrupção é a liberação. O que causa esse egoísmo é a Ignorância. Aquilo que afasta completamente esse egoísmo é o Conhecimento.

Quando o atman, por meio de seus catorze órgãos,<sup>29</sup> começando pelo manas (mental), e favoravelmente influenciado pelo sol (Aditya) e pelos que restam do exterior,<sup>30</sup> percebe os objetos grosseiros (os que podem ser ouvidos, vistos, sentidos, saboreados), tais como o som, então é esse o estado de vigília do atman.

Quando, mesmo na ausência de tais objetos, ele não está privado de pensamento para com eles, e os experimenta em forma de desejo por meio dos catorze órgãos, é o estado de sonho do atman.

Quando os catorze órgãos cessam sua atividade, e há ausência de conhecimento diferenciado, é o estado de sono profundo do atman.

Quando a essência da consciência, que se manifesta sob a forma dos três estados, é uma testemunha dos estados, estando ela mesma desprovida de estado positivo ou negativo, e permanece em situação de não separação e de unidade, então a chamamos Turya.

O conjunto dos seis envelopes formados pela nutrição é chamado Annamayakosha<sup>31</sup>. Quando as catorze espécies de Vayu,<sup>32</sup> que começam pelo Prana,<sup>33</sup> estão no envelope formado pela nutrição, chamam-se então Pranamayakosha (envelope vital).

---

<sup>29</sup> O Manas (mente, mental), a buddhi (intelecto, juízo, discernimento), a chitta (sede da consciência), o ahamkara (identidade do ego), os cinco órgãos do conhecimento (jnanendryas), e os cinco órgãos de ação (karmendryas).

<sup>30</sup> Como Shiva, Vishnu e a Lua, que presidem os 14 órgãos dos sentidos.

<sup>31</sup> São envelopes: pele, carne, osso, medula, sangue, nervos.

<sup>32</sup> Ar.

<sup>33</sup> Respiração e, portanto, vida.



Quando o atman, unido a esses dois envelopes, realiza as funções do desejo e outras que têm como objetos os sons e aqueles dos outros sentidos, chama-se então Manomayakosha (envelope mental).

Quando o atman, unido a esses três envelopes, e conhecendo as diferenças e as não-diferenças, brilha, é então chamado Vijnanamayakosha (envelope de conhecimento).

Quando esses quatro envelopes permanecem em sua própria causa, que é o Conhecimento, assim como o fícus permanece no grão de fícus, chama-se então Anandamayakosha (envelope de beatitude).

Quando ele permanece no corpo como sede da ideia de prazer e de pena (sofrimento), é então chamado Karta (o agente). A ideia de prazer é aquela que pertence a quem deseja os objetos, e a ideia de pena, aos objetos indesejáveis. O som, o tato, a vista, o gosto e o odor são as causas do prazer e do sofrimento.

Quando o atman, conforme as ações boas e más, está ligado ao corpo presente (atual), e estabelece uma união com o corpo ainda não recebido, é chamado então Jiva (alma individual), pelo fato de estar limitado pelos uphadis (aparências limitantes).

Os cinco grupos são aqueles que começam com o mental,<sup>34</sup> os que começam com o prana,<sup>35</sup> os que começam com Sattva,<sup>36</sup> os que começam com a vontade,<sup>37</sup> e os que começam com o mérito e o demérito.<sup>38</sup> Possuindo os atributos desses cinco grupos, o eu não perece sem o conhecimento alcançado do atman.

---

<sup>34</sup> Manas, buddhi, chitta, ahamkara.

<sup>35</sup> Prana, udana, vyana, samana, apana.

<sup>36</sup> Essência espiritual (sattva, rajas, tamas, os três guna).

<sup>37</sup> Grupo Iccha: vontade, desejo, resolução, dúvida, inveja, incredulidade, satisfação, vergonha, medo e imaginação.

<sup>38</sup> Grupo Punya: mérito, demérito, saber e samskaras (purificação).

Aquilo que por sua proximidade com o atman aparece como imperecível, e é a ele atribuído, é chamado Lingasharira (corpo sutil), o núcleo do coração. A consciência que aí se manifesta é chamada Conhecedor do Campo.<sup>39</sup>

Aquele que conhece a manifestação e o desaparecimento do conhecedor, do conhecimento e do objeto que pode ser conhecido, mas que é, ele mesmo, desprovido de tal manifestação e de um tal desaparecimento, é então chamado de a Testemunha.

Quando, sendo percebido de uma maneira indiferenciada na consciência de todos os seres, a começar por Brahma e até uma formiga, ele permanece na consciência de todos os seres, é então chamado Kutastha (alma suprema, ou aquela que reside no irreal).

Quando, permanecendo como meio de realização da natureza real do Kutastha e de outros, que são as diferenciações de fato que possuem as aparências ou adjunções limitantes, o atman aparece como que tecido em todos os corpos como o fio de um colar de pérolas, e é então chamado o Antaryamin (o Senhor Interior).

Quando o atman brilha, livre de todas as aparências ou adjunções limitantes, como uma integridade homogênea de consciência, em sua essência de pura Consciência, então é chamado “Tu”, o atman interior (pratyagatman).

Verdade, Conhecimento, Beatitude, Infinito, livre de aparências limitantes, da mesma maneira que um lingote de ouro está livre de adjunções limitantes, que são os braceletes, os diademas e outras coisas; quando o atman brilha assim, em sua essência, feito inteiramente de Conhecimento e de espírito, então é chamado “Tu”.

---

<sup>39</sup> Conhecedor do corpo, pois os frutos da ação são nele produzidos e recolhidos como num campo ou plantação.

A Verdade, o Conhecimento, a Beatitude, o Infinito é Brahman. A Verdade é imperecível; quando o nome, o espaço, o tempo, a substância e a causa são destruídas, ela não morre, é imperecível; e é chamada A Verdade.

E o Conhecimento, esta essência da Consciência, que não possui nem começo nem fim, é chamado Conhecimento.<sup>40</sup>

O que se denomina Infinito é aquilo que permanece, como a argila nas transformações da argila, como o ouro nas transformações do ouro, como o fio nas transformações do fio. A Consciência, onipenetrante, que está em todos os fenômenos de criação, a começar pelo Não-Manifestado, é chamada Infinito. Ananda (beatitude, felicidade) é o nome da essência da beatitude, oceano sem medida, estado de felicidade indiferenciada. Isso que é permanente no espaço, no tempo, causa e substância, é chamado o ser de Tat (Isso que aí Está ou É), Paramatman (Espírito Supremo), Parabrahman (Causa Divina Suprema).

Aquilo que é sem começo, fecundo, aberto ao mesmo tempo à prova e à prova do contrário, nem real nem irreal, não existente quando, dada a imutabilidade de sua própria existência, a causa da mudança se constata, e existente, quando a causa não é constatada, o que é indefinível, chama-se Maya (ilusão, aparência).

---

<sup>40</sup> Variação: O que não possui nascimento nem declínio nem diferenciação é chamado Conhecimento.

A propósito dos Upanishads, nos diz ainda Frederic Tomlin (idem, ibidem): “Nosso mundo ordinário, com seus objetos materiais e seus espíritos ou consciências individuais, é um mundo de imprecisão, de incompletude, de caráter finito. Sendo incompleto e instável, não pode estar fundamentado em si mesmo; em outros termos, depende, naquilo que possa conter de realidade, de um reino de característica totalmente diferente. Esse outro reino é a Causa de toda existência. Ele é o Uno do qual falam os hinos védicos. As coisas com as quais se compõem nossa existência e nossa experiência são apenas manifestações daquela Causa. Tal ‘coisalidade’ é precisamente o que, fazendo as coisas distintas e separadas umas das outras, dá lugar à sua imperfeição. ‘Apenas os sábios, diz o Katha Upanishad, conhecendo a natureza do que é imortal, não procuram algo de estável aqui entre as coisas instáveis’... Essa primeira proposição, que se parece singularmente com a de Platão, ao definir o mundo dos fenômenos como um mundo só parcialmente real, não é dita sem prova. Ela é fornecida por nossa experiência... quanto mais nossa experiência é completa, mais avançamos no conhecimento da vida – e melhor estamos equipados para reconhecer essa afirmação como verdadeira. Uma experiência amadurecida nos oferece uma percepção mais viva do caráter de insatisfação atrelado a tudo o que permanece sobre o plano natural. Só uma experiência levada em profundidade nos pode revelar um tal conhecimento, uma *desilusão progressiva*... Uma nova forma de apreensão é aquela que põe o homem em relação com um mundo em cuja realidade toda imperfeição, todo erro e toda ilusão estão ausentes. Esse mundo ideal de realidade é a Causa Divina da existência. Desse ponto de vista, uma Causa é aquilo por meio da qual toda coisa finalmente é, sua razão de ser... A essa Causa Divina os sábios dão o nome de

Brahman. Ora, Brahman não pode ser traduzido exatamente por Deus. É, de preferência, uma espécie de Divindade não diferenciada. O si interior chama-se atman, que é Brahman imanente ao ser humano. Os Upanishads empregam uma frase notável para descrever essa identidade fundamental entre o Si e a Causa da existência, entre Brahman e Atman. É a observação surpreendente sobre a qual repousa todo o raciocínio: ‘Tu és Aquilo’.